

Seja o crime mais perfeito,  
Quando a justiça se atrasa,  
Reencarnação julga o feito  
E faz a cadeia em casa.

Põe na peneira do exame  
Quanto pedes e obténs.  
Há muitos bens que são males,  
Muitos males que são bens.

Em qualquer parte onde o crime  
As garras do mal empunha,  
Deus guarda, sem que ele saiba,  
O olhar de uma testemunha.

Silêncio é ouro — legenda  
Que vale por alto escudo,  
No entanto, onde o mal domina  
Silêncio piora tudo.

# PARTIDA DE NHÁ COTA

Sigo com o povo o enterro de Nhá Cota,  
Fazendeira mandona, viúva e rica...  
Tanta reza na Mata da Mumbica!...  
Nunca se viu sovina tão devota.

Contava e recontava prata e nota,  
Brigava por restolho de canjica...  
Bebeu muito remédio de botica,  
Mas morreu na tigela de compota.

Baixado o corpo à cova grande e calma,  
Procuro ver Nhá Cota em véu e palma,  
Subindo ao céu, na capa de ouro e renda...

Mas, só depois de muito pega-pega,  
Fui encontrar Nhá Cota, surda e cega,  
Agarrada no cofre da fazenda.

Grande inscrição de lembrança  
Na campa do João de Souza:  
— Afinal, aqui descansa  
Quem nunca fêz outra cousa.

Legenda na sepultura  
Do devoto Zé Pilão:  
— Morreu fazendo uma prece  
Com dois porretes na mão.

Causa e efeito — lei segura  
Que a gente enxerga de sobra.  
Mordida de cobra cura  
Com veneno de outra cobra.

Quem lhe fala, meu amigo,  
Dos tristes defeitos meus,  
Se vem conversar comigo  
Chega falando dos seus.

## NO RIO DAS LÁGRIMAS

No casarão do sítio da Mutuca,  
O velho pede pouso e alguém chasqueia:  
— “Saia, tratante, e durma na cadeia!  
Ponha a cabeça tonta na cumbuca!”

O mendigo cansado não retruca,  
Enfrenta a noite e a chuva... Cambaleia...  
Mais além rola o rio entregue à cheia...  
E, exposto à sombra, afoga-se Nhô Juca...

Ante a morte, o passado se desvenda...  
Sente-se outro... E' o dono da fazenda...  
Nhô Juca, leve e moço, chora e fala...

Mas, súbito, no chão molhado e frio,  
Repara o rio e vê que é o mesmo rio  
Onde afogava os velhos da senzala...